



Lo vento fai lo Caminho

LEITURA ENCENADA

Academia das Ciências de Lisboa
15 de Junho 2024



Lo vento fai lo Caminho

LEITURA ENCENADA

Academia das Ciências de Lisboa

15 de Junho 2024



CIUHCT
Centro Interuniversitário de História
das Ciências e da Tecnologia
FCUL | FCT - UNL



**Ciências
ULisboa**

Ficha Técnica

Ideação e organização do evento

Silvana Munzi & Henrique Leitão

Pesquisa e recolha dos textos

Joana Lima

Financiamento

This activity has received funding from the European Research Council (ERC) under the European Union's Horizon 2020 research and innovation programme (grant agreement No. 833438).

Ficha Artística

Direção e Dramaturgia

Júlio Martín da Fonseca

Consultoria (Dramaturgia do século XVI)

Silvina Pereira (Investigadora da FLUL - Centro de Estudos Clássicos da ULisboa – e Directora Artística do Teatro Maizum)

Interpretação

Ana Coutinho, Carolina Loureiro, David Valentim, Isabel Coruche, Jénifer Mira, Joana Celina, Joana Martins, João Lourenço, João Nabais, João Oliveira, João Silva, Lara Rosa, Leonor Vasco, Luís Miranda, Manuel Vieira, Margarida Cipriano, Nuno Cortez, Pedro Armada, Regina Branco, Teresa Côrte-Real, Teresa Mourato, Vera Freire, Vicente Eichler

Canções

Vera Freire, Helena Reis

Fotografia

Mariana Lupi Costa

Produção

Manuel Vieira | Nuno Cortez
TUT-Teatro Académico da ULisboa

Contactos

tauI.tut@gmail.com

<https://www.ulisboa.pt/tut>

<http://blogdotut.blogspot.com/>

<https://www.facebook.com/TUTeatroAcademicoULisboa>



O Projecto RUTTER

O projecto Rutter - Making the Earth Global: Early Modern Nautical Rutters and the Construction of a Global Concept of the Earth é um projecto de investigação financiado pelo European Research Council (ERC) e desenvolvido no Centro Interuniversitário de História das Ciências e da Tecnologia da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, sob a coordenação do Prof. Henrique Leitão.

O nome "Rutter" refere-se aos antigos roteiros náuticos, que eram guias de navegação detalhados usados por marinheiros para orientar as suas viagens marítimas. Os primeiros roteiros náuticos modernos (instruções de navegação) são os documentos ocidentais mais antigos que registam a experiência constante e regular de atravessar os oceanos do planeta.

Esses roteiros náuticos (e diários de bordo) são documentos técnicos que reúnem e analisam informações importantes para a navegação oceânica bem-sucedida. Isso inclui rotas, distâncias, latitudes, informações sobre correntes e marés, ventos e tempestades, geografia, declinação magnética e o mundo natural.

O valor especial desses documentos está não só no facto de serem repositórios históricos de informações sobre o mundo, mas principalmente porque documentam o surgimento de conceitos globais sobre a Terra. Não existem documentos anteriores com informações tão abrangentes sobre o planeta. Por isso, o seu valor histórico é incomparável.

Utilizando essas fontes excepcionais, mas pouco conhecidas, o principal objectivo deste projecto é escrever uma história de como a descrição científica da Terra se expandiu nos séculos XVI e XVII, a partir da experiência de viajar e observar o planeta em viagens marítimas longas. Como primeira tarefa, será feita uma busca sistemática, identificação e classificação das informações contidas nos roteiros náuticos e diários de bordo ibéricos da era moderna. Isso será seguido por um estudo multidisciplinar abrangente para melhorar o nosso conhecimento sobre o processo histórico que levou à formação de conceitos globais sobre a Terra.

Contactos:

<https://rutter-project.org>

<https://www.facebook.com/ErcRutter>

<https://x.com/ercrutter>



O TUT - Teatro Académico da ULisboa iniciou a sua actividade com o Professor e Encenador Jorge Listopad, a convite do então Reitor, o Professor Eduardo de Arantes e Oliveira, no ano académico de 1981-1982.

Desde 2008 o grupo tem como Director Artístico um dos seus primeiros elementos, o actor e encenador Júlio Martín da Fonseca, antigo estudante de Ciências Farmacêuticas e Doutorado em Artes pela ULisboa. Fazem parte também da direcção do TUT, o Professor Nuno Cortez, do Instituto Superior de Agronomia, sendo igualmente um dos elementos do grupo inicial, e Manuel Vieira, Doutorado em Engenharia Civil no Instituto Superior Técnico, membro do grupo desde 1994.

Desde o seu começo o TUT tem proporcionado através do teatro, sem prévia selecção dos interessados, um espaço de formação e desenvolvimento pessoal, cultural e artístico, complementar ao ensino das ciências e das técnicas, assumindo deste modo uma importância fundamental na formação universitária, bem como fomentando a integração de estudantes das diferentes Escolas, Faculdades e Institutos Superiores numa mesma identidade.

Ao longo de mais de quarenta anos de actividade constante, o TUT apresentou mais de setenta criações, a partir de textos poéticos, literários, jornalísticos, ou de obras teatrais de diferentes épocas e culturas.

Desde 2019 o TUT tem também desenvolvido paralelamente um projecto específico de criação de Teatro e Ciência.

O TUT - Teatro Académico da ULisboa é constituído por estudantes de vários ciclos de estudo, professores e investigadores de diferentes gerações, e das diversas áreas científicas que integram a Universidade de Lisboa, e configura-se como sendo um Espaço Transdisciplinar, de formação, experimentação e criação, onde é possível com confiança, atenção e liberdade, indagar a realidade e construir outros mundos.

Textos

GIL VICENTE (c. 1465 – c. 1536)

Nau d'Amores [1527]:

[...] El aguja el desear
y los rumos pensamientos
ell áncora será el callar
y los sospiros los vientos
y carta de marear.

ANTÓNIO PRESTES (fl. 15--)

Auto da Ave Maria [imp. 1587]:

[...] Cala-te, não te agastes, que segundo abranjo
pelo esterlábio de meu marear
agora tens vento, maré, navegar.
Serás, não perdendo espírito de anjo,
piloto na terra, piloto no mar.

ANÓNIMO

“Regimento da altura do pólo pelo Cruzeiro do Sul” [c. 1600]:

E pois que a conta do norte
Vos dixе ja por inteiro
He nesario vos mostre
Outra que tem o cruzeiro
Que ao Sul se mostra forte

Com a besta tomareis
Que seu estromento he
E as estrelas poreis
Norte Sul antão no pe soalha chegareis

Em estando emfiada
A do pe cada cabeça
Antão está arumada
Anday com a soalha depressa
Athe que uades cambada
A conta do sol fareis
Como anda declarada
E o Regimento vereis

Cada conta apartado
Nas colunas que sabeis

E se a linha estiver
Entre vos e mais o sol
A conta que aveis mister
Tirar do numero maior
O q' o regimento tiver

De maneira que se trinta
No estrelabio tomais
O regimento vos pinta
Des ou douze que tirais
Que he o que o sol declina

Pois que he declinação
O que chamão regimento
Tão bem por outra rezão
Chamasse apartamento
Do sol inverno e verão

Porque este apartamento
Fara o sol por muitas vezes
Conforme nosso entendimento
Pois que em cada seis mezes
Nos muda e dá outro tempo

E se na navegação
Entre o sol e a linha
Achais a embarcação
Usareis doutra meizinha
Tirar de declinação

Porque o entendimento
Vos de o que he melhor
Que então o regimento
Se mostra nos graos maior
Que do sol he estromento
He dado que vos acheis
Estando o sol entre vos
Que a linha que sabeis

Ajuntay seda e retros
Que mui bom cordão fareis

Que seda sera Altura
Retros vosso regimento
Pois que tudo se mostrava
A quem tem entendimento
De lhe Deos boa viagem.

ÁLVARO DE BRITO

“Trovas D' Alvaro De Brito fengindo navegando com tormenta,
grosando ãa cantiga do camareiro moor que diz: Cuidados Deixaim'
Agora”, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* [imp. 1516]:

Cuidados, deixaim' agora
cuidar meu maior cuidado
com que meu coraçam chora,
porque vou de foz em fora
de prazer desamarrado,
com tam forte tempestade
que nam posso portar vela. [...]

Neste negro navegar
grandes agonias sento,
em largas coitas passar
sam acerca de dobrar
com tormentas meu tormento.
Arvor seca vou correndo
sobre bancos de discordia,
antre baixas me perdendo,
nem destreza me valendo,
nem pedir misericordia.
Vou assi quasi perdido,
levo rota de trestura,
bem querendo, mal querido,
onde penso ter havido
o cabo de desventura;
nom podendo resestir
a meu gram padecimento
d' amar sem poder partir

a quem mostra nom sentir
quanto mal por ela sento.

Em vagas de mar aceso
contra vento e sem maree,
vejo meu prazer despeso,
vejome remeiro preso
em centina de galee.

Nam acho terra segura
que tenha seguro porto,
nem quem haja de mim cura
nestas ondas d' amargura,
de mil mortes vivo morto.

Assi mal afortunado
nas refegas destes mares,
de cuidados carregado,
contino desatinado,
guarnecido de pesares,
com afrontas nom achando
onde me possa ancorar,
contrairos tempos pairando,
sem governo govenando
todo meu desgovernar. [...]

ANÓNIMO

Auto de D. Luís e os Turcos [imp. 1572]:

[...] O caminho do golfinho
Não é muito certa estrada. [...]
(Patrão) – **Lo vento fai lo caminho.**

“Esparça sua”, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende Resende* [imp. 1516]:
A ãa senhora, que se chamava da Costa.

Quem bem sabe navegar,
pola vida segurar,
a esperança tem posta
dentro no pego do mar.
Mas aqui por se salvar

deve certo vir à costa,
porque, posto que naquela
de vivo se veja morto,
ganhase tanto por por vêla,
qu' ee melhor perderse nela
que salvarse noutro porto.

DIOGO DE TEIVE (c. 1519 - 1569)

Ioannes Princeps Tragoedia [1558]:

Coro - [...] Em frágil jangada sulcam os mares para verem um outro
pólo num outro céu.

ANÓNIMO

“Quiérome ir, mi madre”, *Cancioneiro de Paris* (ff. 45v-46r):

Quiérome ir, mi madre,
a la galera nueva
con el marinero,
a ser marinera.

ANÓNIMO

“Llove amenudo”, *Cancioneiro de Paris* (ff. 49v-50r):

Llove amenudo
y haze la noche escura;
la nave en el puerto,
el viento a la fortuna.
Digasme marjnero
que andas por la mar
se me traes nuevas
damador leal
Darlhas hé snõra
de tu defuentura
la naue enel puerto
y el vento y a[X] la fortuna
– Dígasme, marinero,
que andas por la mar,
si me traes nuevas

de amador leal.
– Darlas he, señora,
de tu desventura.
La nave en el puerto,
el viento a la fortuna.

GIL VICENTE (c. 1465 – c. 1536)
Nau d'Amores [1527]:

(...)
Será capitán mayor
piloto maestro y patrón
aquel vivo dios d'Amor
la mar será mi pasión
y las ondas mi dolor.

Mis ojos los marineros
he aquí la nave acabada
y puesta en sus estaleros
falta ser calafetada
calefetad mis obreros. [...]

Foi posta no serão onde se esta obra representou ãa nau da grandura de um batel aparelhada de todo o necessário pera navegar, e os Fidalgos do Príncipe tiraram suas capas e ficaram em calções e gibões de borcado como carafates, os quais começam a carafetar a nau com escôparos e maçanetas douradas que para isso levavam ao som desta cantiga:

Muy serena está la mar
a los remos remadores
ésta es la Nave d'Amores.
Al compás que las serenas
cantarán nuevos cantares
remaréis con tristes penas
vuesos remos de pesares.

Ternéis sospiros a pares
y a pares los dolores
ésta es la Nave d'Amores.

Y remando atromentados
hallaréis otras tormentas
con mares desesperados
y desestradas afrentas.
Ternéis las vidas contentas
con los dolores mayores
ésta es la Nave d'Amores.
De remar y trabajar
llevaréis el cuerpo muerto
y al cabo del navegar
se empieza a perder el puerto.
Aunqu'el mal sea tan cierto
a los remos remadores
ésta es la Nave d'Amores.

DUARTE PACHECO PEREIRA (1460 – 1533)

Esmeraldo de Situ Orbis [1505~1508]:

[...] E assim seguiremos nosso propósito nesta tão trabalhosa jornada da qual a experiência nos ensinou a verdade de tudo o que adiante dissermos. [...]

Toda a costa do mar que vai desta serra de Fernão do Pó até o cabo de Lopo Gonçalves que são oitenta léguas é muito povoada e de muito arvoredado e muito basto e o fundo muito alto que a meia légua de terra acharam trinta e quarenta braças e neste mar há muito grandes baleias e outros muitos peixes e esta terra é muito vizinha do círculo da equinocial da qual os antigos disseram que era inabitável e nós por experiência achamos o contrário. [...]

A experiência nos faz viver sem engano das abusões e fábulas que alguns dos antigos cosmógrafos escreveram acerca da descrição da terra e do mar os quais disseram que toda a terra que jaz debaixo do círculo da equinocial era inabitável pela grande quentura do Sol e isto achamos falso e pelo contrário porque adiante do Rio do Gabão de que no próximo Item que atrás fica falámos é achado um promontório baixo e delgado a que em nossa língua o Cabo de Lopo Gonçalves chamamos o qual tomou o nome do capitão que o descobriu e jaz com o dito Rio do Gabão nordeste e sudoeste e toma a quarta do norte e sul e tem vinte e sete léguas na rota e este Cabo de Lopo Gonçalves pontualmente jaz debaixo do círculo da equinocial e nesta terra há muita habitação de gente os quais são

negros que em nenhuma parte do mundo pode mais haver e a experiencia nos têm ensinado porque por muitos anos e tempos que esta região das Etiópias da Guiné temos navegadas e praticadas em muitos lugares tomamos as alturas do Sol e sua declinação para se saber os graus que cada lugar se aparta em ladeza da mesma equinocial pera cada um dos polos e achamos que este círculo vai por cima deste promontório e temos sabido que neste lugar em todo os dias do ano é igual o dia da noite e se alguma diferença tem é tão pouca que quase se não sente; muitos antigos disseram que se alguma terra estivesse oriente e ocidente com outra terra que ambas teriam o grau do Sol igualmente e tudo seria de uma qualidade; e quanto a igualeza do Sol é verdadeira; mas como quer que a majestade da grande natureza usa de grande variedade em sua ordem no criar e gerar das coisas achamos por experiênciã que os homens deste promontório de Lopo Gonçalves e toda a outra terra de Guiné são assaz negros e as outras gentes que jazem além do mar oceano ao ocidente que tem o grau do Sol por igual como os negros da dita Guiné são pardos quase brancos e estas são as gentes que habitam na terra do Brasil de que já no segundo capítulo do primeiro livro fizemos menção e que algum queira dizer que estes são guardados da quentura do Sol por nesta região haver muitos arvoredos que lhe fazem sombra e que por isso são quase alvos digo que se muitas árvores nesta terra há que tantas e mais tão espessas há nesta parte oriental daquém do oceano de Guiné e se disserem que estes daquém são negros por que andam nós e os outros são brancos porque andam vestidos tanto privilégio deu a natureza a uns como aos outros por que todos andam segundo nasceram assim que podemos dizer que o Sol não faz mais impressão a uns que a outros e agora é para saber se todos são da geração de Adão. [...]

E como quer que a experiênciã é mãe das coisas, por ela soubemos radicalmente a verdade, porque o nosso César Manuel, inventivo e excelente varão, mandou Vasco da Gama, comendador da Ordem de Santiago e cortesão de sua corte, por capitão de suas naus e gente a descobrir e saber aqueles mares e terras, com que nos os antigos punham tão grande medo e espanto. E indo com muito trabalho achou o contrário do que a maior parte do que os antigos escritores disseram.

*Ternéis sospiros a pares
y a pares los dolores
ésta es la Nave d'Amores.*

GIL VICENTE

Tragicomédia Triunfo do Inverno [1529]:

A tragicomédia que se segue é chamada *Triunfo do Inverno*. Foi representada ao muito alto e excelente príncipe el rei dom João, o terceiro deste nome em Portugal, na sua cidade de Lixboa, ao parto da devotíssima e muito esclarecida rainha dona Caterina nossa senhora. É repartida em duas partes. Figuras da primeira parte: o Autor, Inverno, Brisco, João Guijarro, Velha, Piloto, Marinheiro, quatro Grumetes: Martinho, Gregório, Gonçalo, Afonso, três Sereas. [...]

Inverno - El mi Triunfo segundo
son tormentas en la mar
que luego quiero tratar
las más fuertes que en el mundo
natureza pudo dar.
Y antes de comenzadas
verná un piloto bozal
y un marinero aosadas
buen maestro especial.
Y tres grumetes bobazos
todos cinco navegando
el piloto inorando
el marinero carpazos
oiréis que le va dando.
Apito Pi pi pi pii.

Grumete - Adés?

Piloto - Esta nau vai emproada
se a tendes bem olhada.

Marinheiro - Mas antes é ò revés.
Porque o paiol d'avante
nam leva biscouto já
nem há senam o de cá
que comam daqui avante.
A nau vai bem arrumada
Deos a leve a salvamento
em al tende vós o tento
que isso nam releva nada.
Levais viagem gentil
nam vades com ventos largos
cair nos baxos dos pargos
nessa costa do Brasil.
Apito Pi pi pi pii.

Piloto - Nam há aqui nenhum grumete?

Todos - Que manda vossa mercea?

Piloto - O nosso vento escasseia
caç'a poja do traquete.

Grigório - E quem é aqui o traquete
o traque sei eu que é
mas o quete nam sei eu
inda agora onde ele sé.

Afonso - Samicas é o lançol
que vai naquela picota.

Piloto - Caçai eramá a escota
que vai o vento c'o sol.
Apito Pii pi pi pi pi.

Grigório - Tanto monta assoviar
coma aquilo que sé 'li.

Piloto - Nam sabeis ali caçar?

Gonçalo - E cães tendes vós aqui
vês vês tu tu tu.

Afonso - Gonçalo vai polo forão.

Gonçalo - Vá Grigório.

Grigório - Mas vai tu
e eu chamarei o cão
do piloto tu tu tu.
Vês vês raiva te tome
e como há o vosso cã nome?

Piloto - Vosso pai torto.
Milhor matais vós a fome
nam vai nesta nau grumete
que valha um só caracol
à vela chamam lançol
e picota ao traquete.

Marinheiro - Vós sois piloto a picota
se nosso caminho é em leste
e o vento é noroeste
pera que é caçar a escota?
Eu nam vos posso entender.

Piloto - Onde vos fazeis aqui?

Marinheiro E vós preguntais a mi
o que deveis de saber.
Sois piloto d'Alcouchete
pera o rio das inguias
e navegar nestas vias
quer cabeça e capecete.
Apito Pi pi pii, pi pi pii.

Grigório - Mando-vos eu assoviar
que nam hei hoje de falar
ou sicais me irei per i.

Marinheiro - Tomastes vós hoje a altura
por saberdes onde estais?

Piloto - C'o Rio dos Bôs Sinais
me faço a Deos e à ventura.
Ou n'Auguada da Boa Paz
ou seremos tanto avante
como o Rio do Infante
segundo o tempo aqui faz
ou c'o Cabo das Correntes.

Marinheiro - Isso é ou lobo ou rã
ou feixe de lenha ou armeo de lã
isto fazem aderentes.
Quem vos houve a pilotagem
pera a Índia desta nau?
Porque um piloto de pau
sabe mais na marinagem.

Piloto - Fernão Vaz verdade é
que me acho eu cá reboto
porque nunca fui piloto
senam lá pera Guiné.

Marinheiro - Esta é ãa errada
que mil erros traz consigo
ofício de tanto perigo
dar-se a quem nam sabe nada.
Este ladrão do dinheiro
faz estes maus terremotos
que eu sei mais que dez pilotos
e sempre sou marinheiro.
Õa cousa juro eu
que os que são sabedores
nunca metem roedores
nem peitam nada do seu.
Se agora se acertar
tormenta como acontece
piloto, a mi me parece
que havia a nau de suar.

*Ternéis sospiros a pares
y a pares los dolores
ésta es la Nave d'Amores.*

Argumento da tormenta seguinte do segundo Triunfo do Inverno:

- Inverno -** Yo quiero sobre la mar
demostrar mi poderío
pues la tierra gusta el frío
tormentas quiero ordenar.
Haré cantar las serenas
y peligrar a las naves
y haré gritar las aves
y volar a las arenas.
Riésguese meredión
salgan las furias ventaales
con tormentas generales
y brava revulución.
Y disan de las estrellas
y suban de las honduras
nubes negras muy oscuras
y mil fuegos salgan dellas.
Ansí ansí temporales
que agora triunfo yo
oh que rayo que cayó
entre aquellos robledales.
Grandes voces da la mar
de temor desta tormenta
terrible será el afrenta
que terná quien navegar.
- Marinheiro -** Ou nosso piloto mor
eu vejo vir por d'avante
tam temeroso sembrante
que nam pode ser pior.
E aquele afozilar
fere fogo mui vermelho
tomai lá vosso conselho
que eu nam quero mais falar.
- Piloto -** Pera que é recear
o que inda nam é nada
aquilo é trovoada
e nam há cá de chegar.

Marinheiro - O bom piloto d'afrenta
ou grande senhor de mando
na bonança há d'ir cuidando
os perigos da tormenta
que fortuna anda ordenando.
Nam cuideis que é mar da Mina
isto é noite fechada
e a lũa mercolina
e a costa indiabrada
e a nau má de bolina.

Piloto - À verdade j'este vento
entra mui indiabrado.

Marinheiro - Vós piloto sois azado
pera perder logo o tento.
E mais noite tam escura.

Piloto - Que quereis vós Fernão Vaz
no mal que o Inverno faz
tenho eu culpa pventura?

Marinheiro - Quê, e vós chorais antora.

Piloto - Ó virgem da Luz senhora
sam Jorge, sam Nicolau.

Marinheiro - Acudi eramá à nau
e leixai os santos agora.
Siquer mandai amainar
a meio masto essa vela
e à mezena colhê-la
e ãa vez segurar.
Apito Pii pii pii.

Grumete - Adés.

Piloto - Amaina amaina a mezena.

Grigório - Praz.

Afonso - Ham?

Grigório - Mezena.

Piloto - Amainai essa mezena.

Grigório - Que amainemos a mezena.

Piloto Acudi ali todos três.

Grigório - E eu também irei lá.

Afonso - E eu irei lá também.

Piloto - Oh pesar de Santarém
o demo vos trouxe cá.

Grigório - O demo vos trouxe cá
e a nós outros também.

Piloto - Vai fi de puta Fernando.

Grigório - Sabeis como m'eu irei
per i fora esfoziando.

Piloto - Amainai áque del rei
que nos imos alagando.

Grumete - Per u puxaremos nós?
Grigório puxa per i.

Grigório - Afonso tir-te tu di
e darei aqui dous nós.

Piloto - Fernão Vaz acudi ali
que vai a nau soçobrando.
Ó virgem de Monserrate
livra-nos deste rebate
polo teu precioso mando.
Grumetes.

Grumete - Bofá meimigo.

Piloto - Dou ò demo a grumetada
amaina o papafigo.

Grumete - Vamo-nos polo abrigo, dai ò demo a comiada.
Sabês que vento aqui faz?

Grigório - Já aquesta é farrapada.

Afonso - Acodi ali Fernão Vaz.

Grigório - Acodi ali Fernão Vaz
que já vai toda quebrada
a tranca do guaroupás.

Afonso - Havemos nós de nadar.

Marinheiro - Que dizes tolo que dizes?

Afonso - Digo que havês d'ir pescar
dos cranguejos c'os narizes
que andam per fundo do mar.

Marinheiro - Jesu Jesu Santiago
ó virgem Maria da Luz
eu te prometo ãa cruz
e um tribulo e um bago.

Piloto - Ó senhora da Batalha
nas tuas santas mãos me meto.

Grumete - Ó virge Maria do Loreto
s'escapulo eu te prometo
ũa carrega de palha
polo santo dia de Deos.

Marinheiro - Ei-lo pricioso santo
frei Pero Gonçalves bento.

Piloto - Empara-nos de tanto vento
c'ò teu precioso manto.
Senhor solibra nos a malo.

Marinheiro - Dêmos à bomba piloto
dai ò demo frei Gonçalo
e sam frei Pero Minhoto.

Piloto - É o bem aventurado
frei Pero Gonçalves bento.

Grigório - Santo que anda com tal vento
nam é ele senam pecado
polos santos evangelhos.

Marinheiro - Vós piloto esmoreceis
e mais mui pouco sabeis
reger vossos aparelhos.
Apito Pii pii pii.

Grumete - Adés.

Piloto - Ea filhos alijar
quanto vai nesse convés
que vai a nau a través
deitai as arcas ao mar.

Marinheiro - Feito feito bem será
aqui grumetes aqui
vá ò mar esta arca vá.

Grigório - Nanj'essa arca, ta ta ta
que vai o meu pentem i.

Piloto - A minha mesma nam fique
ó Fernão Vaz que faremos?

Marinheiro - É per força que arribemos
na volta de Moçambique.

Piloto - Arriba todo arribado
Fernão Vaz nam sei que faça.

Marinheiro - Ó virgem Maria da Graça
ei-lo masto já quebrado.

Afonso - Quebrou a tranca da metade
e faz aqui ãa escurana.

Gonçalo - Ora chamaí a sam Frade
que vos ponha outra de cana.

Piloto - Fernão Vaz que será aqui?

Marinheiro - Oh arrenego de mi
se piloto aqui viera
já esta nau esteveira
a salvamento em Cochim.

*Ternéis sospiros a pares
y a pares los dolores
ésta es la Nave d'Amores.*

GARCIA DE RESENDE (1470 – 1536)

“Do que el-rey fez a Pero d’Alanquer pilloto”, *Vida e Feitos de D. João II* [imp. 1545]:

El-rey por ter a Mina guardada, fez em crer em sua vida que navios redondos nam podiam tornar da Mina por caso das grandes correntes, somente navios latinos, e isto porque em nenhuma parte da christandade os há senam as caravellas de Portugal e do Algarve, e os galeões de Roma que nam sam pera navegar tam longe. E hum dia estando el-rey aa mesa praticando porque navios redondos nam podiam vir da Mina, disse hum Pero d’Alanquer muyto grande piloto de Guine e que bem tinha descuberto, que elle traria da Mina qualquer não por grande que fosse. E el-rey lhe disse que nam podia ser pois ja muitas vezes se esperimentara, e que todas as que lá mandara nam poderam vir. E o Pero d’Alanquer se afirmou que o faria e se obrigaria a isso. E el-rey disse: “Hum vilão peço nam há cousa que lhe nam pareça que fara e enfim nam faz nada”; e depois de comer o chamou soo e lhe disse a causa por que aquillo lhe dissera, e que lhe perdoasse porque compria assi a seu serviço, e que outra ora nam dissesse tal e o tivesse em grande segredo; e lhe fez merce de que elle foy bem contente; e sempre em vida d’ el-rey se teve por muyto certo que naaos nam podiam vir da Mina e dessas partes de Guine, e por ysso teve sempre todo Guine muyto bem guardado.

GIL VICENTE (c. 1465 – c. 1536)

Nau d'Amores [1527]:

[...] El aguja el desear
y los rumos pensamientos
ell áncora será el callar
y los sospiros los vientos
y carta de marear.

BRÁS DA COSTA

“De Bras da Costa a Gracia de Resende, quando veo a nova da morte do Viso-Rei e do Marichal na Indea”, *Cancioneiro Geral de Garcia de Resende* [imp. 1516]:

[...] Nesta viagem e ida,
o que nela navegar
bem se deve contentar
co a vida.
Nós tomemos bom castigo
co mal que vemos alheo
e tenhamos gram receo
a mar de tanto perigo.
Nom façamos tal partida,
antes cavar e roçar,
de conselho contentar
co a vida.
Por passar tanta tormenta,
tempo e vida tam forte
e tam perto ser da morte,
antes nom quero pimenta.
Caa farei minha guarida
em escrever e notar
e me quero contentar
co a vida.

*Reposta de Gracia de Resende
polos consoantes.*

Tenho tam avorrecida
tod' arte de marear
que nam hei nela d' entrar
nesta vida.
Daqui tee morte m' obrigo,
que quarto, vintena, meo,
nem escreturas no seo
nam possam nada comigo.
A esperança perdida
tenho de nunca tratar
e muito mais d' embarcar
em tal ida.
Tenho vida tam isenta
que por mal que dig' aa sorte,

nam heide
saber o noorte
nem m' hamd'
achar em ementa.
Esta tenho escolhida,
desta me fui contentar,
a qual nam hei, sem medrar,
por perdida.

DIOGO DE TEIVE (c. 1519 - 1569)

Ioannes Princeps Tragoedia [1558]:

Como o pequeno batel, na fúria do mar, é joguete dos cruéis Notos e, à força de baldões, não consegue manter a linha de rumo, assim um ânimo débil e ferido pela dor se agita em pungentes cuidados, assim nenhum repouso se oferece ao coração inseguro e nenhuma consolação recebe a alma entristecida.

GIL VICENTE

Triunfo do Inverno [1529]:

[...] Marinheiro – A nau vai bem arrumada
Deos a leve a salvamento
em al tende vós o tento
que isso nam releva nada.

Levais viagem gentil
nam vades com ventos largos
cair nos baxos dos pargos
nessa costa do Brasil. [...]

GIL VICENTE (c. 1465 – c. 1536)

Triunfo do Inverno [1529]:

[...] Son sus naves tan poderosas
con la gracia de su celo
que aunque se hunda el cielo
con tormentas peligrosas
van y vienen sin recelo.

DUARTE PACHECO PEREIRA (1460 – 1533)

Esmeraldo de Situ Orbis [1505~1508]

(...) e como que em tão pouco tempo Vossa Alteza descobrisse quase mil e quinhentas léguas além de todos os antigos e modernos as quais nunca foram sabidas nem navegadas de nenhuma nação deste nosso ocidente [...]

GIL VICENTE (c. 1465 – c. 1536)

Nau d'Amores [1527]:

Y pues todo el trabajar
es viento sin la ventura
quiérome aventurar
y matar la desventura
por las ondas de la mar.

Muy serena está la mar
a los remos remadores
ésta es la Nave d'Amores.

PEDRO NUNES (1502 – 1578)

Tratado da Sphera [1537]:

[...] Não há dúvida que as navegações deste reino cem anos a esta parte: são as maiores, mais maravilhosas, de mais altas e mais discretas conjecturas, que as de nenhuma outra gente do mundo. Os portugueses ousaram cometer o grande mar Oceano. Entraram por ele sem nenhum receio. Descobriram novas ilhas, novas terras, novos mares, novos povos: e o que mais é: novo céu e novas estrelas.

E perderam-lhe tanto o medo que nem a grande quentura da torrada zona: nem o descompassado frio da extrema parte do sul, (com que os antigos escritores nos ameaçavam) lhes pode estorvar, que perdendo a estrela do norte: e tornando-a a cobrar, descobrindo e passando o temeroso cabo da Boa Esperança, o mar da Etiópia, da Arábia, da Pérsia, puderam chegar à Índia. Passaram o rio Ganges, tão nomeado, a grande Taprobana: e as ilhas mais orientais. Tiraram-nos muitas ignorâncias, e mostraram-nos ser a terra maior que o mar, e haver aí antípodas: que até os Santos duvidaram, e que não há região, nem por quente nem por fria se deixe de habitar. E que em hum mesmo clima e igual distância da equinocial: há homens brancos e pretos e de muito diferentes qualidades. E fizeram o mar tão chão que não há quem hoje ouse dizer que

achasse novamente alguma pequena ilha: alguns baixos: ou sequer algum penedo, que por nossas navegações não seja já descoberto. [...]

Ora, manifesto é que estes descobrimentos de costas, ilhas, e terras firmes, não se fizeram indo a acertar, mas partiam os nossos mareantes muito ensinados e providos de instrumentos e regras de astrologia e geometria: que são as coisas de que os Cosmographos hão de andar apercebidos, segundo diz Ptolomeu no primeiro livro da sua Geografia. Levavam cartas muito particularmente rumadas: e não já as de que os antigos usavam: que não tinham mais figurados que doze ventos e navegavam sem agulha. E pode ser que seja esta a razão: porque não se atreviam a navegar senão com vento próspero, que é à popa, e iam sempre ao longo da costa enquanto podiam, como verá quem diligentemente ler em Ptolomeu as navegações que os antigos faziam pelo mar da Índia. As nossas cartas são muito diferentes delas: porque repartimos as agulhas que em todo lugar nos representam o horizonte: em xxxij partes iguais, e podemos governar a uma parte destas quanto espaço queremos, sem embargo que no processo do caminho se mudem os horizontes e as alturas.

*Quiérome ir, mi madre,
a la galera nueva
con el marinero,
a ser marinera.*

FREI HEITOR PINTO (1528 – 1584)

“Capítulo VIII. Louvores da Matemática e do Direito Civil. Da Filosofia ativa e contemplativa, e qual delas convém mais ao perfeito príncipe”, *Imagem da Vida Cristã Ordenada por Diálogos* [1563]:

[...] Matemático: “Dizei-me senão fossem as leis, porque os nossos se regem no mar e na terra, como poderiam eles sustentar a Índia, nem ainda achá-la e conquistá-la? Mas senão fosse a Matemática, disse o matemático, como poderiam eles levar essas leis? Vós não vedes que é isso contra vós? Dizei-me: esse mar tão profundo e tempestuoso como se poderá navegar sem matemática? Como se poderão atravessar as duvidosas ondas das imensas águas, e fazer-se estrada real e diretíssima para elas sem conhecimento do Norte, e das estrelas e dos círculos celestes? A agulha e carta de marear que coisa é senão mera matemática?”

Essas regiões tão separadas e tão estranhas como fora possível descobrirem-se e conquistarem-se, se os nossos não foram instrutos no conhecimento dos movimentos do céu, nos graus da altura, nos círculos e cursos das planetas, na divisão dos climas, na mapa, no

astrolábio, no quadrante, na propriedade e variedade dos ventos, nos eclipses, na arte da navegação, na cosmografia e sítio do mundo, na quantidade da terra, na natureza dos elementos, e finalmente no conhecimento da esfera, o que tudo consiste na Matemática? Por onde consta que o que trazeis contra mim é contra vós, e o que cuidais que é contra a Matemática, é por ela, e o que alegais para seu descrédito, alego eu para sua valia.”

DUARTE PACHECO PEREIRA (1460 – 1533)

Esmeraldo de Situ Orbis [~1508]

[...] Grande festa fizeram os antigos escritores da navegação que se diz que fez Menelau de Cádiz até o Sino Árabe e assim Eudoxo do mesmo lugar até Cádiz e Hanão cartaginense da Espanha até o Golfo da Arábia o que tudo isto é uma região; também diz Plínio no seu segundo livro da Natural História capítulo sessenta e nove no qual alega Célio e Antípatro e assim Cornelio Nepote diz que estes viram quem da Espanha navegou em Etiópia ou Guiné por fazer mercadorias; havendo isto por coisa muito de notar; mas eu digo que com quanto eles souberam daquelas partes que a melhor parte do saber de tantas regiões e províncias ficou para nós e nós lhe levamos a virgindade; por que em todo o universal da Etiópia de Guiné e Índia muito particularmente soubemos e sabemos quase todas as suas coisas; e o litoral e costa do mar e sua navegação singularmente o navegamos e o comércio e modo de viver dos negros desta região e suas idolatrias por muitos anos foi de nos praticado; e nestas coisas a nossa nação dos portugueses precedeu todos os antigos e modernos em tanta quantidade que sem repressão podemos dizer que eles em nosso respeito não souberam nada; e isto causou o grande engenho dos nossos príncipes de que neste livro fazemos menção e a grandeza de seus corações que tiveram para no descobrimento destas terras despenderem seus tesouros somente por ganharem gloriosa imortalidade; [...]

Nunca os nossos antigos antecessores, nem outros muito mais antigos de outras estranhas gerações, puderam crer que podia vir tempo que o nosso Ocidente fora do Oriente conhecido e da Índia pelo modo que agora é; porque os escritores que daquelas partes falaram, escreveram delas tantas fábulas, por onde a todas pareceu impossível que os indianos mares e terras do nosso Ocidente se pudessem navegar.

Fin